

# Michel Nirenberg: um brasileiro na cena musical jazzística de Washington

**Saxofonista une música clássica, samba e o choro com o jazz e destaca-se com trabalhos autorais**

Desde 2012 o carioca Michel Nirenberg reside nos Estados Unidos. Em poucos anos, já alcançou sucesso com trabalho autoral e performance exclusiva. Ao unir a música clássica, samba e o choro ao jazz americano, explora as raízes culturais encontradas na música de ambos os hemisférios.

Destaque na cena musical jazzística de Washington DC, repercutiu nos Estados Unidos o sucesso obtido no Brasil, onde graduou-se pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e venceu diversos concursos.

Mestre em música pela James Madison University, é filho de um violista com uma pianista e neto de um violinista. Estudou piano, violino e violão clássico até escolher o saxofone.

Compositor de música instrumental brasileira contemporânea, lançou seu álbum próprio ("Retrato") apresentando os virtuosos músicos brasileiros Leonardo Lucini no baixo, e seus irmãos Alejandro Lucini na bateria e percussão e Bruno Lucini na percussão, além do violonista Rogério Souza. Completam o

grupo o pianista americano Alex Brown e o violonista argentino Dani Cortaza.

Nesta entrevista exclusiva, ele fala sobre carreira e caminhos para o desenvolvimento e sucesso na música. Confira!

**Folha Sinfônica - Sua relação com o jazz americano teve início durante seu mestrado nos Estados Unidos ou, antes disso, já incursionava pelo gênero?**

**Michel Nirenberg** - Eu diria que meu primeiro contato oficial com o jazz foi através de uma coleção com biografia e CD dos grandes nomes do jazz, da Folha de S. Paulo. Lembro-me que o primeiro CD que eu ganhei da minha mãe era do saxofonista Charlie Parker, que me intrigou de imediato com aquele som e fraseado com tanta personalidade. Mais tarde, já na faculdade de música da UFRJ, através da prática de big band – conhecida como UFRJ Jazz – com os professores José Rua e Júlio Merlino, eu pude conhecer um pouco mais do estilo até chegar aos EUA.

**O que pensa sobre concursos (de estímulo e incentivo), tendo em vista**

**que sua oportunidade em solo americano surgiu a partir da vitória em um? Além deles, quais outras portas são possíveis para quem deseja especializar-se ou seguir carreira na música no exterior?**

Eu acho importantíssima a realização de concursos ou competições que criem oportunidades para jovens músicos brasileiros. É uma carreira difícil e é preciso muita determinação para seguir em frente. Existem outras maneiras para estudar no exterior, como outras formas de bolsas de estudos, convênios entre governos e/ou instituições, mas isso varia muito de acordo com o contexto.

**Como foi sua experiência no mestrado? Como foi sua recepção na James Madison University pelos demais alunos e professores? O idioma foi uma barreira?**

Foram muitas barreiras, o idioma foi apenas uma delas. Principalmente por ser um mestrado, foi preciso aperfeiçoar o meu inglês para ser capaz de escrever e apresentar trabalhos e palestras em alto nível. Além disso, eu diria que o choque cultural foi, de fato, um "choque". As diferenças eram muitas e não fazia ideia da dificuldade que enfrentaria por causa disso. No mais, diria que fui bem recebido pelos professores, em especial o professor de saxofone David Pope, e os outros alunos da classe.

**Antes do saxofone, sabemos que você estudou piano, violino e violão. Em que momento optou pelo instrumento de sopro? E de que forma teve certeza de que seria o instrumento "da sua vida"?**

Eu tive várias fases e experimentos musicais. Iniciei estudando violino com meu avô e professor Jaques Nirenberg, e mais tarde me interessei pelo piano e violão. Posteriormente quis o saxofone e comecei a estudar com a minha querida incentivadora Daniela Spielmann, além de clarineta com o professor José Botelho. Quando adolescente, houve uma época em que fazia aulas de violão, piano e saxofone ao mesmo tempo! Era engraçado pois a Claudinha (Claudia Castelo Branco, professora de piano) reclamava das unhas grandes do violão! (rsrsrs) Mas foi na época do vestibular, quando você é meio que "obrigado" a definir o que estudar na universidade, que passei a focar mais no saxofone, e desde então o casamento tem sido bem feliz!

**Seu estilo é definido como "música instrumental brasileira contemporânea". Quais outros artistas se enquadram atualmente nesse estilo?**

Responderei esta pergunta citando V.A. Bezerra, 2001: "o conceito de jazz brasileiro emerge, ainda que aos poucos e de maneira inevitavelmente imprecisa, da teia de relações entre diferentes artistas", "não é um conceito fechado, mas aberto".

Ou seja, eu diria que boa parte das minhas influências – como Hermeto Pascoal, Egberto Gismonte, Carlos Malta, Nicolas Krassik, Origem (grupo dos irmãos Lucini nos EUA) – poderiam ser categorizadas assim, pois todos estão interligados por uma brasilidade inerente à sua arte.

**Muitos estrangeiros afirmam que o choro é um gênero de difícil execução. Você concorda? Acredita que seu virtuosismo no choro o ajudou no desenvolvimento desse gênero que une-se ao jazz?**

Eu diria que sim, o choro é um estilo musical tecnicamente complicado. Busco, através da minha história na música, dar a minha interpretação e minha visão, sempre respeitando os mestres do passado.

**Os Estados Unidos são o berço do jazz. Como os americanos enxergam brasileiros investindo nos estudos desse gênero?**

Eu acho que essa pergunta deve ser feita aos americanos. O que eu posso afirmar, é que apesar do jazz ter nascido e se desenvolvido aqui nos EUA, devido à sua grandeza, faz muito tempo que este passou a ser um estilo internacional de música.

Afirmaria também que os brasileiros deveriam sentir-se orgulhosos em saber que o jazz americano foi fortemente influenciado pela nossa música. Espera-se de músicos profissionais de jazz nos EUA a capacidade de tocar samba e bossa nova. Nos últimos anos, jornalistas e apresentadores de rádio americanos têm voltado sua atenção para o choro. Acredito que parte do sucesso do meu álbum de estreia se dá ao fato deste interesse genuíno pela música brasileira.

**Quais brasileiros-jazzistas podem ser considerados referências, em sua opinião? O que você pensa sobre o mercado de shows de jazz no Brasil?**

Se eu listar as minhas referências pessoais, a lista não terá fim! Sendo bem breve: Hermeto Pascoal, Egberto Gismonte, Moacir Santos, Severino Araújo, Tom Jobim, Victor Assis Brasil, Eliane Elias, os irmãos Lucini... Acredito ainda ser um pouco cedo para eu afirmar sobre o mercado de shows de jazz no

Brasil. No meu caso, lançamos o disco agora no meio de 2015 e ainda estamos no trabalho de divulgação do álbum, atualmente nos apresentando aqui nos EUA, e claro buscando shows no Brasil.

**Como é sua rotina de estudos atualmente? Ela incorpora também tempo diário para composições e arranjos?**

Busco sempre me aperfeiçoar no saxofone através de aulas regulares de jazz, além de técnica e repertório. Tenho estudado também o violão de 7 cordas, focando no repertório brasileiro de samba-choro. Com relação à composição, incluo na rotina aulas semanais de arranjo, que a meu ver são essenciais para se desenvolver como arranjador/compositor.

**Sobre ser compositor e arranjador: você considera uma "virtude" ou é preciso estudar (e o que é preciso estudar) para seguir esta carreira?**

Tudo que envolva música é necessário estudar. Não existe fórmula mágica, onde por vontade do universo você não tem que se aprimorar. No caso da composição e arranjo, é importante pensar em etapas, começando pela teoria musical, harmonia e percepção musical, para depois focar nas técnicas de arranjo e instrumentação. Eu recomendaria também estudar piano paralelo aos outros assuntos.

**Como são as produções de seus shows? Sabemos que há americanos e argentinos que o acompanha, mas há brasileiros envolvidos na organização?**

Sim, é verdade, somos um conjunto bem internacional, indo do Brasil à Argentina até os EUA e Canadá. O meu primeiro álbum Retrato/Portrait foi coproduzido pelo baixista brasileiro Leonardo Lucini. Ele, juntamente com seu irmão Alejandro, aparece em diversos álbuns de sucesso de brazilian jazz gravados nos EUA.

**Como define seu público nos Estados Unidos?**

Nós vimos pessoas dos 20 e poucos anos até os 60. O álbum ficou na 6ª posição na CMJ Charts. Isso significa ►

que além de atrair o público mais velho nos EUA, nós também atingimos muitos jovens amantes da música em todo o país. Além disso, o álbum tem sido tocado não só nos EUA, mas em muitas cidades do Canadá e em países mais distantes como Argentina, Eslovênia e Luxemburgo. Me sinto muito honrado com o resultado!

**Você pretende se apresentar no Brasil? Há algum show em vista?**

Estaremos no final de dezembro e início de janeiro no Brasil, e pretendemos realizar shows de lançamento do CD no Rio de Janeiro e talvez em São Paulo.

**Fale sobre "Portrait", por favor. Como foi o processo de composição?**

Tudo começou em setembro de 2012, quando eu conheci o Leo Lucini logo no início do mestrado. Ele, juntamente com o violonista Rogério Souza, foi se apresentar na James Madison University, e sabendo que eu tocava música brasileira me convidou para dar uma canja. A partir deste encontro nunca mais perdemos contato, até que no meu último período do curso, ele sugeriu que me mudasse para Washington D.C e começasse minha carreira profissional. Nós fizemos uma campanha de financiamento coletivo durante três meses que ajudou a arrecadar fundos para as gravações. No total, eu diria que o processo durou um ano e meio de produção, desde a decisão em não retornar imediatamente para o Brasil, até lançar oficialmente o disco. As composições são do meu período como aluno na James

Madison até minha mudança para Washington. Nós acabamos por incluir obras de diferentes estilos no CD, como samba, choro, forró, maracatu e até um tango.

**Como foi lançar um álbum autoral nos Estados Unidos? Quais ferramentas utilizou na divulgação?**

A sensação é maravilhosa! É uma realização profissional incrível, onde você pode ver e ouvir o resultado após tanto tempo de preparação. O planejamento e divulgação foi coordenado pela Paula Phillips (ou Paulinha, como gosto de chamá-la) com a The Phillips Agency and Jazz Beyond Borders. A divulgação na rádio foi coordenada pela Kari Gaffney.

**Quais são seus próximos projetos? E os outros projetos atuais que vem desenvolvendo?**

Vem muita coisa boa por aí! Além de continuar a divulgação do álbum Retrato/Portrait, fazendo mais shows tanto aqui nos EUA quanto no Brasil, estamos preparando um projeto novo para fevereiro que ainda é surpresa!

Fora isso, já começamos a pensar na possibilidade de um segundo CD, com um conceito um pouco diferente de Retrato/Portrait. A ideia é apresentar outro repertório com uma nova formação orquestral, mostrando, além do meu lado como saxofonista, meu lado como compositor e arranjador.

**Na carreira acadêmica, tem algum outro curso em andamento?**

Não na academia, por enquanto.

Desde que me formei no mestrado ano passado, tenho mantido aulas regulares de saxofone e arranjo, além de focar no lançamento do álbum Retrato/Portrait e na minha carreira de maneira geral como saxofonista e compositor.

**E sobre música clássica: você ainda se apresenta com orquestras? O que o instiga mais? Clássico ou jazz?**

A música me instiga! Com todas as suas diferenças e variações, é ela que importa, e foi ela que me trouxe até onde estou hoje. E mesmo passeando por suas diferentes formas, eu sempre serei um ouvinte e apreciador da música clássica, e quem sabe num futuro próximo não gravamos um álbum homenageando o saxofone clássico, com um quarteto de sax talvez, ou algum outro repertório? De fato, tenho atuado como solista com orquestras procurando sempre divulgar obras do repertório clássico para saxofone, seja brasileiro, seja internacional. Assim foi com a Fantasia de Villa-Lobos para sax soprano e orquestra, a Balada de Alfred Reed para sax alto, e espero em breve, quem sabe, o concerto de Radamés Gnattali para sax alto e orquestra que já tive o prazer de apresentar com o pianista Flávio Augusto em sua versão reduzida para piano, quando ingressei na faculdade de música.

Na música clássica ou na chamada música instrumental brasileira contemporânea, estarei sempre aberto, e novas ideias sempre serão bem-vindas. O futuro a Deus pertence, então vou apenas ir embora, e deixar essas ideias no ar... valeu! ■

